

O MARXISMO DE GRAMSCI

Raimundo Santos *

Foi a comunicação de Norberto Bobbio ao simpósio de Cagliari em 1967, editada no Brasil em 1982 (*O conceito de sociedade civil*), que colocou, de forma pioneira, a natureza de um debate muito interessante. Mais pelo impacto da tese ali contida, menos pelo deciframento do problema posto sobre o marxismo original de Gramsci. A discussão, depois de tanto tempo, aparentaria defasagem bibliográfica, caso não fosse ainda uma questão aberta, como se vê na permanente procura de cânones atualizados do marxismo. Gorbachev desaciliza, sem dizer, a realização histórica do próprio marxismo; as sociedades ocidentais não conseguem deslançar as suas esperadas "vias socialistas", e o "índice de ortodoxia" só pode emergir, com credibilidade, daqui para frente como compreensão desses nossos tempos pós-Marx, pós-Lênin e pós-Gramsci.

Três autores — Bobbio, Carlos Nelson Coutinho e Biaggio de Giovanni — tematizam o chamado marxismo de Gramsci num sentido muito rico para que realizemos uma reflexão sobre a pesada bagagem de nossos problemas teóricos, de longe sem resolvê-los, mas sem desiludir, apenas para dar-nos a sua medida histórica.

Bobbio, sem pretender colocá-lo fora do marxismo, afirma que "a sociedade civil, em Gramsci, não pertence ao momento da estrutura, mas ao da superestrutura". Diferente da definição do "Prefácio" de 59, a sociedade civil, para Gramsci, é o conjunto das relações ideológicas e culturais. AI já fica aberto o debate: não terá Gramsci deslocado o centro da história "para outro lugar"? Compreendemos: tanto Marx como Gramsci invertem Hegel ao colocarem o momento ativo e positivo do desenvolvimento histórico na sociedade civil, e não mais no Estado. Bobbio prossegue: em Marx o momento condicionante passa a ser a estrutura; Gramsci opera a inversão no próprio interior da superestrutura.

Mas a leitura de *O conceito de sociedade civil* não leva à conclusão da existência pura e simples de um idealismo em Gramsci; a seguinte observação de Bobbio sobre o parentesco do conceito famoso estimula muito mais. Gramsci deriva o seu conceito de sociedade civil de Hegel, e não de Marx; tomando-lhe a concepção de organização, das poucas organizações que conheceu Hegel para regulamentar as relações econômicas, indo além do seu sistema de necessidades (de onde partiu Marx). Fica sugerida ainda que é essa modernidade, já intuída por Hegel, que teria provocado a reviravolta gramsciana do cânone base/superestrutura.

Será, no entanto, em Carlos Nelson Coutinho na sua "Introdução ao pensamento de Gramsci", na sua engenhosa construção da superação dialética entre Marx-Lênin-Gramsci, que melhor poderemos captar a colocação do problema da natureza do marxismo gramsciano, advertida por Bobbio.

Carlos Nelson Coutinho não aceita que a análise filológica do conceito de sociedade civil leve à conclusão de que a explicação da história esteja em Gramsci

* Professor de Ciência Política — UFPb — Campus II

Rev. RAÍZES	Campina Grande	Ano VI	Nº 6	111 a 113	Jan.86/mar.88
-------------	----------------	--------	------	-----------	---------------

de cabeça para baixo. Se não é o mesmo conceito em Gramsci, por que atribuir-lhe a função determinante de Marx? O conceito é o meio para enriquecer a teoria marxista do Estado, na captação de suas novas determinações. E Gramsci é do tempo da socialização da política, quando surge "uma esfera social nova dotada de funções autônomas e específicas" em relação à economia e aos aparelhos repressivos do Estado. Gramsci faz a passagem do abstrato (teoria precedente) para o concreto (novas determinações) de tipo histórico-ontológico, como no exemplo de Lênin (*O Imperialismo como forma superior de capitalismo*) em relação a Marx (*O Capital*).

Ficamos sabendo também que Gramsci não só subestimara as análises econômicas de Marx e Lênin, como há ainda, em matéria filosófica, um deslize idealista (desconhecimento da ciência e recusa de uma objetividade em geral) de monta, e ficamos cientes de que é da sua corajosa resistência ao marxismo vulgar, do seu anti-economicismo, que brota o desenvolvimento da teoria política gramsciana. Mas como é que Gramsci chega a isso? Carlos Nelson Coutinho assegura-nos, com citações bastantes, que esse *pan-politicismo* gramsciano é só aparente e que o vezo idealista, na questão filosófica, não compromete o seu contributo maior de haver percebido a "dialética materialista" das formas ideológicas.

Gramsci teria ido além da consideração marxiana de que o processo de socialização da produção/diminuição progressiva do tempo de trabalho socialmente necessário implica também num progressivo recuo das barreiras naturais", o que Gramsci captou como ampliação do jogo da liberdade humana em face das determinações naturais, ou seja, a socialização da política implicaria no que se poderia chamar de "recuo (tendencial, que não anula o cânone) das barreiras econômicas" com a conseqüente ampliação da esfera da política sobre o conjunto da vida social. Pontos essenciais de uma "ontologia materialista da praxis política", segundo Carlos Coutinho, antecipando a Lukács na sua tese de que "prioridade ontológica" não significa uma hierarquia "lógica" ou "casual eterna" entre as duas esferas (estrutura-superestrutura).

Biaggio de Giovanni rompe com esse caminho nos seus ensaios da coletânea *Teoria Marxista de la Política*, encontrável em algumas livrarias do sul do país. A continuidade "historiográfica" presente nos autores precedentes impede que se veja dentro do quadro horizontal duma época na qual o que muda é a "forma mesma do processo". Para ele, Bobbio, ao falar da inversão realizada por Gramsci, ficando apenas na inspiração das categorias, não compreende o núcleo da sua análise. E também ao contrário de oriundo de um anti-economicismo, o "erro fecundo" de Carlos Nelson Coutinho, o contributo de Gramsci provém da tentativa de compreensão das transformações morfológicas por que passam a economia e o Estado, depois da guerra, da revolução de 17 e, sobretudo da crise de 29.

O que Gramsci diz como novidade é sobre o traço típico das sociedades europeia e americana pós 14 e 17, nisso repensando a forma da política em Lênin (De Giovanni sugere também a relação Weber-Lênin na concepção da política concentrada num ponto); nisso deixando o desencanto ante a não-ocorrência da "queda do centro único", para adentrar-se na compreensão da crise de hegemonia, resolvida com a difusão de "casamatas" em vários estratos da socie-

dade civil, crise que levaria a uma hegemonia "mais segura e estável". Gramsci, na opinião de De Giovanni, vai ser a única resposta dentro do marxismo ao pós-29, podendo-se pensar noutra paralelo, Keynes-Gramsci, evidentemente com os seus sinais diversos. Aliás, afirma De Giovanni, esse é o preço que paga Gramsci pela sua formação "idealista".

Continuando essa desmitificação, seria até difícil um aproveitamento liberal de Gramsci. O que ele estuda é a reorganização do mundo produtivo — que necessita "de mais política e de mais hegemonia" — à medida que "caem as velhas separações e as velhas barreiras da sociedade civil". O contributo, prossegue De Giovanni, está no fato de que, na época de crise, caduca a "mediação política externa", reduzida ao caráter superficial das formas produtivas; quando o que se tem é uma ampliação de adesão dos setores "improdutivos" ao Estado do capital financeiro, e uma introdução deste no mundo da produção e do mercado.

Os momentos mais importantes da reflexão gramsciana — americanismo, fordismo, lei da queda da taxa de lucro — segundo De Giovanni, mostram a "inervação" cada vez maior do Estado na formação social capitalista e o fenómeno da ampliação de suas bases políticas de massa, paralelamente ao crescimento das estruturas organizadas do capital financeiro. Mudança na forma produtiva, mudança na forma do Estado. Gramsci percebe estar diante de uma economia e um mercado que já não se mantêm em seu isolamento, mas que só funcionam com a "produtividade política do Estado", ou seja, diante da falência da função geral da política como instrumento separado. O "peso" das superestruturas se determina, em Gramsci, essa vai ser a conclusão compactada, *em função da complexidade cada vez maior da reprodução política das classes numa sociedade cujo antagonismo fundamental na produção é mediado, organizado, governado pelo enorme desenvolvimento das superestruturas complexas.*

Essa acentuação nas superestruturas reflete, de certo modo, o tema da "forma como se tornou dominante o terreno da circulação" numa fase em que parece claro que as classes dominantes respondem à crise, recorrendo a uma "extrema dilatação da relação Estado-circulação". Keynes e suas variáveis anti-cíclicas. Na outra ponta, Gramsci e a expansão dos problemas da hegemonia à raiz da reorganização do mercado que arrasta para o "terreno geral da relação com o Estado" segmentos sociais anteriormente encerrados no consumo privado. Neste sentido haveria um "retorno a Marx" em Gramsci precisamente ali onde o primeiro concentra a sua atenção na "reconstrução do movimento do capital e de sua contradição", pelo conceito de "primacia lógico-histórica da reprodução". De Giovanni completa a assertiva para dizer-nos que, neste obscurecimento da obra de Marx, reside a dificuldade para se compreender o marxismo de Gramsci.

N. Bobbio: *O conceito de sociedade civil*. RJ, Graal, 1982.

Carlos Nelson Coutinho: "Introdução ao pensamento de Gramsci, em: *Gramsci*, Porto Alegre, LP & M, 1981.

Baggio de Giovanni: Ensaio: "Crisis orgánica y estado en Gramsci" e "Lenin, Gramsci y la base teórica del pluralismo", em: *Teoría Marxista de la Política*, México, Pasado y Presente, 1981.

Composição e Impressão
EPGRAF

Rua Miguel Couto, 291 - Fone: 321-4595
Campina Grande - Paraíba